

# A BESTA, O SOBERANO

Eduardo Jorge de Oliveira

Mestre em Teoria da Literatura e doutorando em Literatura Comparada /  
UFMG/CAPES

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo uma leitura dos textos que integram o primeiro volume do *Seminário La bête et le souverain*, ministrado por Jacques Derrida, na École de Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em 2001 e 2002.

## PALAVRAS-CHAVE

Literatura, filosofia, animots, animais, linguagem

## INTRODUÇÃO

A leitura dos textos do *Seminário La bête et le souverain*, ministrado por Jacques Derrida (2001-2002), na École de Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), é um passo (de lobo, como enfatiza o filósofo) que nos fornece, *a priori*, subsídios para o que se quer circunscrever aqui como “animalidade”.

Assim, o título, “A besta, o soberano”, talvez necessite de uma especificidade. Possivelmente, para atingir essa especificidade será necessário um ato de percorrer algumas páginas da leitura do primeiro volume do *Seminário*, que foi editado em 2008. Para alcançar uma especificidade, talvez seja preciso um subtítulo. Talvez dois, pois a leitura de *La bête et le souverain* busca incorporar os subtítulos ao corpo do texto para que eles se articulem como hipóteses.

Assim, o primeiro subtítulo-hipótese seria “A besta, o soberano e o *topos* da razão”. Trata-se de uma espécie de polaridade que aciona a questão: com quem estaria o *logos* – de quem é a razão –, do animal, do homem ou, ainda, da besta, do soberano. A princípio, (pelo título do volume póstumo de Jacques Derrida), o conectivo “e” aparentemente polarizaria a discussão sobre quem estaria com a razão; pergunta tanto

tautológica quanto maliciosa, pois a própria linguagem que sustenta a pergunta já evidencia de quem é a razão. No entanto, Derrida põe essa tautologia à prova. Em todo o seu curso, ele encontra vários “pontos cegos” no humanismo, sustentado historicamente pela filosofia, pela ciência, pela religião e pela política, ou seja, uma “teo-antropo-zoologia”.<sup>1</sup>

O subtítulo-hipótese subsequente seria “A besta, o soberano: a animalidade e os próprios do homem.” Jacques Derrida é bem específico quando escolhe as palavras “besta” e “soberano”. Não se trata apenas de uma divisão entre “animal” e “homem”, embora essa divisão seja importante para o seu pensamento. As palavras escolhidas por Derrida tratam de dois tipos de força; um conflito que, segundo o filósofo, seria uma espécie de acoplamento.<sup>2</sup> Dentro do mote *acoplamento*, Derrida<sup>3</sup> transita entre a cópula e uma transformação: a besta *e* o soberano, a besta *é* o soberano. A besta *e(s)t* o soberano e o soberano *e(s)t* a besta, como é marcado na escrita do filósofo, segundo Emmanuel Biset<sup>4</sup> em “Soberanía, animalidad y política”. E desse devir correspondente entre ambos, a besta e o soberano, perguntamos até que ponto a animalidade seria um próprio do homem. E ainda, até que ponto essa animalidade seria um ponto de irreduzibilidade do homem, um deslocamento e um atravessamento no tom humanista de seu discurso.<sup>5</sup>

## O PASSO SEGUINTE: A BESTA, O SOBERANO E O *TOPOS* DA RAZÃO

Frente ao questionamento sobre o lugar da razão no vivente (animal humano ou não-humano) existiria uma armadilha ao se perguntar de quem é a razão. Acontece que essa não é a pergunta-chave para Derrida, justamente porque, para o filósofo, essa oposição entre a besta e o soberano é desconstruída: “Nós não cessaremos de tentar

---

<sup>1</sup> DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 121.

<sup>2</sup> DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 55.

<sup>3</sup> DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain* p. 55.

<sup>4</sup> BISSET. Soberanía, animalidad y política, p. 137-138.

<sup>5</sup> Um momento específico em que essa questão é abordada em *La bête et le souverain* é a “Neuvième séance”, de 27 de fevereiro de 2002, em que Derrida aborda o poema de D. H. Lawrence, intitulado “Snake” (DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 315-335). Nesse capítulo, Derrida relembra uma questão feita à Emmanuel Levinas, “o animal tem rosto?”, e Levinas responde embaraçado: “eu não sei” (DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 317.) Em outro ponto, quando Derrida segue na leitura do poema de Lawrence, que trata da relação entre o homem e a serpente, e onde a voz da educação do homem diz: “mate-a” (DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 324.)

pensar esse devir-besta, esse devir-animal de um soberano que é acima de tudo chefe de guerra, e se determina como soberano ou como animal frente ao inimigo.”<sup>6</sup> Ou seja, diante do inimigo o soberano se porta como uma besta. E é inimigo do soberano todo aquele que ameaça sua soberania. Enfim, no caso da besta, essa seria uma ameaça ao soberano e, no entanto, ela está intimamente ligada a ele como conclui Derrida: “a besta e o soberano (o casal, o acoplamento, a cópula), a besta é o soberano.”<sup>7</sup>

“A besta, o soberano e o *topos* da razão.” Esse passo é precedido por uma imagem. Trata-se de uma imagem do artista brasileiro Rodrigo Braga intitulada “Comunhão I”,<sup>8</sup> de 2006. A imagem é ambígua porque parece evocar tanto um acoplamento, uma comunhão – como o título da obra reforça –, quanto uma separação, um distanciamento, ou, melhor, uma tentativa de comunhão. Tal comunhão nos faria pensar na separação animal/homem, ampliado em besta/soberano, numa questão que passa pela linguagem.



Fonte: BRAGA. *More force than necessary*.

---

<sup>6</sup> DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 29.

<sup>7</sup> DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 55.

<sup>8</sup> Fotografia, 40 x 60 cm, 2006. In: BRAGA. *More force than necessary*, p. 28.

De Descartes a Lacan, de Kant e Hegel a Heidegger, passando por Hobbes, existe um consenso ao se dizer que o animal não responde.<sup>9</sup> Por outro lado, o soberano possui o direito dessa dessimetria: ele tem o direito de não responder.<sup>10</sup> Essa “não resposta” da besta implica na sua não responsabilidade. E daí vem o comentário de Heidegger, segundo o qual o animal não morre porque ele é desprovido de linguagem, e mais, porque ele não trabalha.<sup>11</sup> O soberano na dessimetria com a besta faz uma comunhão impossível, pois na sua irresponsabilidade – um lugar da não resposta, segundo Derrida – ele comunga da bestialidade, da divindade e da morte.

Por isso, a imagem “Comunhão”, de Braga, retorna a essa discussão que tenta chegar a um conceito de animalidade. Trata-se de uma comunhão impossível, uma comunhão que partilha da bestialidade, da divindade e da morte. Uma comunhão que traz dois tipos de pergunta. Uma estranha dessimetria, novamente. Mas que toma um aspecto vital em relação ao corpo e a linguagem: a continuidade e a descontinuidade.

Desse modo, perguntamos se haveria uma continuidade entre o homem e o animal, entre a besta e o soberano. Ou se o que existe entre ambos é pura descontinuidade. Ainda perguntamos se a ideia de continuidade traria uma marca evolucionista, própria do homem, e ainda se haveria uma ilusão de contínuo que residiria na linguagem. No entanto, na linguagem existe uma oposição definitiva sustentada por vários filósofos, nos quais Derrida elaboraria uma crítica às perspectivas de Heidegger e de Lacan. A crítica a Lacan existe por conta de sua assertiva que o animal não apaga seus traços,<sup>12</sup> e que por isso ele é incapaz de produzir significante. Nesse aspecto, Derrida pontua, por outro lado, que o homem não teria mais o poder soberano de apagar seus próprios traços animais, mesmo que pela sua própria linguagem. Assim, pelo viés da linguagem, o que parece existir é uma tensão entre continuidade e descontinuidade em relação ao apagamento do traço (Derrida também entende esse “traço” como o “significante”). O homem não apaga seus traços animais, configurando-se, assim, um primeiro passo para uma operação crítica, a animalidade. Animalidade esta que reside no seu corpo-matéria. Animalidade que o torna comum em relação a uma vida biológica, a uma *zoé*, o que Derrida chama de “um pensamento do

---

<sup>9</sup> DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 90.

<sup>10</sup> DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 90.

<sup>11</sup> DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 227.

<sup>12</sup> DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 181.

vivente (do biológico e do zoológico)”,<sup>13</sup> que seria um tratamento da vida animal em todos os seus registros.<sup>14</sup> Assim, a imagem de “Comunhão” torna-se um dos registros possíveis para tomar esse “pensamento do vivente” como um choque de traços, ou ainda, uma tensão entre significantes. Enfim, uma tensão que se prolonga no conflito entre continuidade e descontinuidade.

A tensão prossegue no pensamento de Jacques Derrida e também na imagem de Rodrigo Braga. Enquanto existe a bestialidade, a divindade e a morte enquanto compartilhamento entre a besta e o soberano – se é que é possível entender a morte como uma experiência compartilhável (continuidade/descontinuidade) –, em Derrida existe uma crítica a Heidegger quando o filósofo alemão afirma que o animal não morre, porque o ele é desprovido de linguagem. Ainda existe um agravante, já apontado aqui e ressaltado por Jacques Derrida, pois, ao retomar o que disse Heidegger, o animal não morre não apenas porque é desprovido de linguagem, mas porque ele não trabalha.<sup>15</sup> Ele não teria responsabilidade.

## OUTRO PASSO: A BESTA, O SOBERANO – A ANIMALIDADE E OS PRÓPRIOS DO HOMEM

E da irresponsabilidade saltamos à animalidade, pois resta entender se a animalidade pode ser considerada como um conceito, e mais, se ela compartilha dessa discussão de ser um “próprio do homem”, ou se ela se articularia como um “próprio da besta” ou um “próprio do soberano”.<sup>16</sup> Em *La bête et le souverain*, existe realmente a animalidade como um “próprio” do homem, ou seja, algo que traduziríamos como um sentimento de projeção do homem no animal e, sobretudo, uma apropriação política do

---

<sup>13</sup> DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 13.

<sup>14</sup> Derrida especifica tais registros como “cassa e domesticação, história política dos parques e dos jardins zoológicos, cativeiro, exploração industrial e experimental do vivente animal, figuras da ‘bestialidade’, da ‘besteira’”, etc. (DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 13.)

<sup>15</sup> Derrida traduz essa frase de Heidegger, de seu *Écrits politiques 1933-1966*, “O animal, e tudo isso que é simplesmente vivente, não pode trabalhar”. (DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 227.)

<sup>16</sup> Uma questão que fica para ser desenvolvida é uma leitura da animalidade como resto da intraduzibilidade da relação homem/animal, bem como o resto de um choque/união de forças da besta e do soberano. A animalidade neste sentido pode ser lida como uma resposta, afastando-se assim, da irresponsabilidade ou uma não-resposta. Ao mesmo tempo, ela também não seria necessariamente responsável.

animal pelo homem.<sup>17</sup> No entanto, também não residiria nessa própria animalidade aquilo que é incapturável do animal, que estaria na ordem do devir ou mais precisamente para se valer do pensamento de Jacques Derrida, algo que estaria no que ele pensou como “animots”,<sup>18</sup> em *O animal que logo sou: (a seguir)*:

Nem animal nem não-animal, nem orgânico nem inorgânico, nem vivente nem morto, esse invasor potencial seria *como* um vírus de computador. Ele se alojaria num operador de escritura, de leitura, de interpretação. Mas, se posso nota-lo antecipando amplamente sobre o que se seguirá, seria um animal capaz de rasurar (portanto de apagar um rastro, disso que Lacan diz ser o animal incapaz). Esse quase-animal não teria mais que se referir ao ser *como tal* (disso que Heidegger dirá ser o animal incapaz), pois ele se daria conta da necessidade de rasurar o “ser”.<sup>19</sup>

Não se trata de uma definição de “animots”, pois Derrida já havia afirmado que ao defini-lo (“animots”), o termo estaria fadado a ser “domesticado, amansado, adestrado, dócil, disciplinado, domado.”<sup>20</sup> Derrida articula uma relação hóspede-hospedeiro, que explana em *La bête et le souverain*. E dessa relação não está excluído um “espetáculo espectral”, em que, segundo Derrida, haveria um “assombro do soberano pela besta e da besta pelo soberano”.<sup>21</sup> Afinal, um habita o outro, um é hóspede íntimo do outro. Derrida chama isso de uma cópula “onto-zoo-antropoteológico-política”.<sup>22</sup> Justamente por isso Derrida afirmou que a besta é o soberano, pois haveria tanto um devir-besta do soberano quanto um devir-soberano na besta.<sup>23</sup> *Besta*, portanto, não seria o animal como muito menos *soberano* não seria mais o homem. Assim, esse “próprio do homem”, a animalidade, seria uma força do resto, daquilo que

---

<sup>17</sup> O lobo seria o animal mais significativo para os seminários de Jacques Derrida. Uma fábula muito utilizada por Derrida nos seus seminários é a de La Fontaine, “O lobo e o cordeiro”, que inclusive é relacionada aos ataques do 11 de setembro. Outra imagem do *homo homini lupus*, de Plauto.

<sup>18</sup> “Animots” é uma expressão criada por Derrida que é homófona ao plural de animais, em francês, *animaux*. Traduzindo “mots”, temos “palavras”. Essa palavra torna-se intraduzível.

<sup>19</sup> DERRIDA. *O animal que logo sou: (a seguir)*, p. 74. (grifos do autor)

<sup>20</sup> DERRIDA. *O animal que logo sou: (a seguir)*, p.74.

<sup>21</sup> DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 39.

<sup>22</sup> DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 39.

<sup>23</sup> DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 59-60.

sobra de intraduzível, que não está apenas em um ou em outro, mas algo entre a ambas as forças e que acontece em um território exterior ao *nomos* e aos corpos.<sup>24</sup>

Não respeitar a lei (*nomos*), ou melhor, ignorá-la, seria o que comumente se afirma como “animalidade”, em que, de acordo com o crime ou uma irresponsabilidade cometida, surgiria esse epíteto. Um outro ponto que torna a animalidade como algo na ordem do humano seria o campo sexual, ou mais explicitamente, no campo do desejo incontrolado ou ainda quando essa animalidade toca os limites da abjeção (mais uma não resposta, enfim, uma irresponsabilidade). Não se trata de uma animalidade qualificável, presa ao instinto e que coloca em crise a soberania do *logos*. Uma animalidade que se desvia desses “próprios do homem”. Seria por essa via que Derrida afirma que há uma animalidade no homem, mas o crime, a crueldade e a ferocidade não ressaltam o instinto, eles transcendem a animalidade, eles supõem não apenas uma “liberdade” e uma “responsabilidade”, mas uma pecabilidade.<sup>25</sup> Esse comentário de Derrida parte mais uma vez de Lacan, que afirma que o instinto não é fixo e animal no homem.<sup>26</sup>

Se animalidade ainda não pode ser pensada como um conceito operatório claro, talvez sua força resida numa possível crítica de leitura. Nos traços de vivente (biológicos e zoológicos) inscritos no corpo do homem, ela seria um traço impossível de apagar e que atingiria um problema de intraduzibilidade,<sup>27</sup> pois mesmo o homem reduzido à sua condição biológica e zoológica, ainda assim ele encontra uma

---

<sup>24</sup> Nesse aspecto, Jacques Derrida faz uma longa discussão sobre a besta, o soberano e a questão da lei, onde o filósofo discute, inclusive, os ataques terroristas às Torres Gêmeas, episódio conhecido como 11 de setembro (DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 42).

<sup>25</sup> DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 150.

<sup>26</sup> E extraímos um fragmento de um excerto de Lacan tomado por Derrida: “Que se o instinto significa de fato a animalidade incontestável do homem, não se vê porquê ele seria menos dócil de ser encarnado em um ser razoável.” em seguida, na mesma citação, Lacan fala que certa crueldade (a do adágio *homo homini lupus*, de Plauto) implica na humanidade. “É um semelhante que ele visa, mesmo quando em um ser de outra espécie” (DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 150).

<sup>27</sup> Na última aula de *La bête et le souverain*, Derrida aponta o problema da tradução entre homem e animal, como é possível ler no seguinte excerto: “tradução, primeiro, porque entre o animal e o homem – isso que frequentemente se chama desses nomes, segundo as distinções recebidas em uma tradição toda poderosa e sempre vivente, sobrevivente –, se fala de diferenças eventuais, dentro da significação, dentro da significância (...) [onde] se opõe uma lógica da reação programada, segundo o animal a uma lógica da responsabilidade livre e soberana segundo o homem.” Um pouco adiante Derrida continua a abordar a questão da tradução: “É na nossa maneira de traduzir isso que se chama reações animais que se acredita possível, mas é um risco de tradução, discernir, traçar um limite entre a animalidade e humanidade, animalidade reativa e humanidade respondedora ou responsável. Questão de tradução entre as línguas.” (DERRIDA. *Séminaire La bête et le souverain*, p. 446.)

descontinuidade do seu corpo em relação a outras espécies consideradas não humanas e a sua própria. Descontinuidade essa que o destitui de sua própria espécie, marcada pela ideia de morte, pela presença da linguagem. Assim, a intraduzibilidade tratada por Jacques Derrida poderia ser uma outra leitura para a descontinuidade – de distintos corpos vivos (pois Derrida inclui o animal). Seria diante dessas noções de intraduzibilidade e descontinuidade que a animalidade surge como um *traço* de leitura para o corpo, seja o do animal do tipo não humano ou o do animal humano.

## UM PASSO PARA TRÁS: DA IMPOSSIBILIDADE DA ANIMALIDADE À LINGUAGEM COMUM

Diante da impossibilidade de lidar com a animalidade como conceito, resta a possibilidade de traço do corpo do vivo no texto.<sup>28</sup> Essa é uma terceira hipótese que surge das duas anteriores, mas que infelizmente não será desenvolvida neste texto. O primeiro ponto que surge é que a literatura conseguiu criar um corpo impossível, praticamente desde suas origens, com a presença de animais fantásticos, maravilhosos ou assombrosos. Outro ponto é o caráter espectral e fantasmático, salientado pela psicanálise, mas que a literatura o apresenta também há muito tempo.<sup>29</sup> Assim, a animalidade, em princípio, atentaria para uma precariedade de um corpo vivo posto em texto, movimentado pela imaginação, seja ela fantástica ou fantasmática, que dialogam com as forças da besta e do soberano; forças que, na desconstrução de Derrida, não permitem uma fronteira precisa entre o homem e o animal, entre o *nomos* e a *physis* ou pelo menos que se estabeleça uma fronteira como a nossa educação nos ensina, a matar o animal, desprovido-o de linguagem e de morte. Derrida nos faz desconfiar dos valores humanistas, como também o faz Gonçalo M. Tavares, no seu verbete “Clarice Lispector”, que é um outro modo de pôr em questão a besta, o soberano, enfim, a aporia do humano:

Uma barata pode ser mais importante que um imperador. Se teus olhos olharem mais tempo para uma barata do que para um imperador, a

---

<sup>28</sup> O termo “animots”, de Derrida, é bem preciso para pensar essa articulação do conceito de vivo no texto literário.

<sup>29</sup> Em ambos os momentos, para pontuar essa questão, *Odisséia*, tanto traz as imagens da tripulação de Ulisses transformada em porcos por Circe, como também animais fantásticos como Cila e compósitos como sereias e ciclopes. Do caráter fantasmático, o próprio Elpenor, também no canto XI, que chegou ao Hades primeiro que Ulisses e parte de sua tripulação, devido a uma queda. (HOMERO. *Odisséia*, p. 179-213.)



barata se tornará mais importante que o imperador. Chamamos imperador ao imperador, e a barata à barata, porque a média dos olhos humanos olha mais tempo para o imperador do que para a barata.

“O que é um revolucionário?”, pergunta-me a minha filha de 3 anos, e eu respondo “É quem olha mais tempo para uma barata do que para um imperador.” “E o que é um imperador?”, pergunta-me a minha filha. “É aquele que não deixa que se olhe demasiado tempo para a barata”, respondi.

E, por favor, não me faça mais perguntas.<sup>30</sup>

A exigência ou a interrupção de uma argumentação, ou ainda uma contínua re-significação de significantes, é um tema para elencar em outro momento uma discussão mais focada no projeto de gramatologia. No entanto, esse pedido em tom de ordem com o qual encerramos a leitura de *La bête et le souverain*, a partir de Gonçalo M. Tavares, oscila entre devir-besta e um devir-soberano dentro da literatura contemporânea.

#### RESUMÉ

Le présent travail a pour but de faire une lecture des textes qui intègrent le premier volume du *Séminaire La bête et le souverain* donné par Jacques Derrida à l'École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), en 2001 et 2002.

#### MOTS-CLÉS

Littérature, philosophie, animots, animaux, langage

#### REFERÊNCIAS

BISSET, Emmanuel. Soberanía, animalidad y política. *Nombres*. Revista de Filosofía. Dossier: animalidad, Córdoba, año XVIII, n. 22, dic. 2008.

BRAGA, Rodrigo. *More force than necessary*. Belgique: In Flanders Fields Museum, 2010.

DERRIDA, Jacques. *Séminaire La bête et le souverain*. Volume I (2001-2002). Paris: Galilée, 2008.

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou: (a seguir)*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Unesp, 2002.

---

<sup>30</sup> TAVARES. *Biblioteca*, p. 33.

HOMERO. *Odisséia*. Trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre: LP&M, 2007.

TAVARES, Gonçalo M. *Biblioteca*. São Paulo: Casa da Palavra, 2009.